

MULHERES DO ESPELHO

Ed Anderson

A tragédia em cena já não me basta. Quero transportá-la para minha vida. Eu represento totalmente a minha vida. Onde as pessoas procuram criar obras de arte, eu pretendo mostrar o meu espírito. Não concebo uma obra de arte dissociada da vida.

Antonin Artaud

PERSONAGENS:

ATRIZ

OUTRA

Obs. Ambas podem aparentar a mesma idade – em torno dos 50 anos - e se vestirem em tons levemente parecidos.

CENARIO:

Um camarim. Espelhos e “araras” com figurinos diversos. Cortinas transparentes. Fotos e cartazes de espetáculos presos na parede. Um grande aquário vazio. Cheiro de incenso no ar.

AMBIENTAÇÃO:

Início de noite.

Um foco de luz ilumina a ATRIZ que parece ensaiar um monólogo. Apresenta um texto nas mãos. Anda nervosa. Vai até o espelho. Retoca os cabelos. Serve-se de uma taça de vinho.

ATRIZ – Então... Nem um suspiro além... Isto é tudo? Nada mais a fazer, pensar, tripudiar? *(bebe na taça)* Isto é tudo. Você já foi mais razoável... Sim... Mas, te eu digo que estou pronta. Plena de mim. Eu e o espaço. Vazio... Eu... E o espaço vazio. Eu e... Eu e o espaço vazio... Eu... *(grita)* Eu! *(pausa)* Está me ouvindo? Quanto eco... Eu não sabia que seria assim... Este silêncio... Este silêncio danado. *(olha para o alto)* Monstro traidor! Não me aludiu de toda a verdade. Prometia barulho, palmas, aplausos, espelhos sinceros... E agora? Agora eu estou aqui mendigando por estas vontades outras... Desprovidas de sentido. *(ri, patética)* Traidor! Tudo bem... Não, não, não... Tudo bem... Tudo bem mesmo. Tudo por nada e nada a ver... Você quer assim? Tem de ser assim, não é? Só a fumaça do meu tabaco. Como aquela minha primeira cena do segundo ato. Como o garçom patético que nunca enxerga o que serve, eu não degusto o que bebo. *(ri)* Normal... Normal... *(debocha)* Esta tudo normal! *(pausa)* Está tudo muito mais que o normal. *(olha ao redor)* Eu e o espaço. Vazio. Espaço geográfico, qualquer região ou fração de espaço do planeta... Espaço público... Espaço físico... Espaço compacto... Espaço vetorial, a entidade matemática formada por um conjunto de vetores, um corpo e uma operação entre os dois... Espaço sideral, o meio físico do universo... Espaço-tempo, um sistema de coordenadas... Espaço, aquele caractere invisível, representado por um intervalo unitário vazio numa folha pálida... Você sabia que seria assim... Como um pacto, e eu, um Fausto de saias. Curtas saias, belas pernas, boca vermelha e um preço. Contrato assinado e um preço. Que preço, meu Deus... Deus? *(ri)* Eu fui ao Diabo e Mefisto fugiu! Você sabia que seria assim. Eu estreei... Eu brilhei... Eu encantei... Nunca tropecei numa fala, nunca atrasei num ensaio. Fiz regimes, fiz promessas, fiz as honras da casa, mesmo quando não havia telhados. Tudo pelos atos memoráveis... Pelo

epílogo... Pela plateia... Pelos aplausos generosos... *(pausa)* Que barulho é esse por trás das cortinas? Será um rato? Onde está o meu florete? Darei o golpe mortal e... Não, aqui não há nem ratos. *(ri, patética)* Traidor! Tudo bem, não, não, não... Tudo bem... Tudo bem mesmo. Agora não há mais ratos por trás das cortinas... Acabaram-se os conflitos... O encanto poderia ser para sempre, sabia? Estava escrito. No contrato que eu não li. Não quero mais conversar com este espelho. *(grita)* Alguém o tire daqui! Confesso que detesto espelhos! Nunca gostei. São ordinários! E agora? Agora eu estou aqui mendigando por estas vontades outras... *(ri, patética)* Guardo as palmas, as bilheterias, as tolas críticas e o tabaco. Se eu perco no jogo do palco não terei a revanche no camarim. Eu e espaço. Vazio. Tudo bem. Mas, agora só não entendo como eu mesma poderei...

A ATRIZ ouve um barulho que a assusta.

ATRIZ - Quem está aí? *(pausa)* Tem alguém aí? *(grita)* Quem está aí?

Enxerga OUTRA caída ao chão e vai até ela.

ATRIZ - *(assustada)* Oh, não... *(pausa)* O que você faz aqui?

OUTRA – Perdão... Mil perdões, senhora.

ATRIZ - Que momento mais insólito...

OUTRA - Desculpe-me, eu...

ATRIZ - O que você andou aprontando pelos corredores? Levante-se!

OUTRA - Eu... Acho que desmaiei, estou um pouco tonta.

ATRIZ - Acreditava estar sozinha aqui...

OUTRA - Eu só vim trazer a bandeja...

ATRIZ - (*frustrada*) Eu acreditava estar sozinha.

OUTRA - Acho que passei mal de repente e...

ATRIZ - Você me assustou. E isso não foi bom.

OUTRA - (*levanta-se*) Vim terminar de arrumar o camarim da madame e...

ATRIZ – É preciso que tenha consciência do que fez.

OUTRA – Não se preocupe... Eu já estou de saída.

ATRIZ - Entrou sem bater na porta.

OUTRA - Foi sem querer.

ATRIZ - Não fez barulho... Foi bem sorrateira...

OUTRA – Não...

ATRIZ – Sim... Foi ardilosa, até.

OUTRA - Eu não queria atrapalhar.

ATRIZ – Sinto lhe dizer, mas me atrapalhou.

OUTRA – Devo ter sido afoita

ATRIZ - Por demais.

OUTRA – Uma desmedida.

ATRIZ - Saiba também que eu estava bastante ocupada.

OUTRA – Imagino que sim.

ATRIZ - Entretida com alguns pensamentos.

OUTRA - Se eu soubesse que...

ATRIZ - De que adianta agora? Eu não conseguirei retomar a minha fala.

OUTRA – Se eu pudesse ajudar...

ATRIZ - Estou perdida nas entrelinhas. Como um vagão sem trilhos. Como seguirei adiante?

OUTRA - Não era a minha intenção mudar a viagem da senhora.

ATRIZ – Ah, esqueça o que eu disse!

OUTRA – Eu sinto muito.

ATRIZ - Fugiu-me o sentido de tudo o que eu dizia. Nunca me aconteceu essa afronta antes.

OUTRA - Quanta vergonha eu carrego agora...

ATRIZ - Todos sabem que eu gosto do silêncio.

OUTRA - Sou nova aqui. Ainda estou me acostumando...

ATRIZ - Preciso do vazio. Faz parte do jogo.

OUTRA – Estou tentando aprender as coisas, mas...

ATRIZ - Você não me é mesmo familiar.

OUTRA - Estou estreando na função. Tateando pelos corredores e...

ATRIZ - De onde veio?

OUTRA - Fui contratada há poucos dias.

ATRIZ – Sem experiência?!

OUTRA - A outra camareira que domina o serviço com minúcias está de licença e eu...

ATRIZ - Por que passou mal?

OUTRA - Nada de mais, senhora, eu sinto algumas tonturas às vezes.

ATRIZ - Tonturas?

OUTRA - Sim. Elas me fazem sair do eixo, perco a firmeza no chão. As minhas pernas amolecem feito queijos no calor.

ATRIZ - (*ríspida*) Pois tome mais cuidado da próxima vez.

OUTRA - Certamente tomarei.

ATRIZ - E não atrole mais os meus pensamentos.

OUTRA - Isso não vai se repetir. Dou a minha palavra. Juro pelo que mais me ilumina.

ATRIZ – Repito então, para você, a fala de Julieta: “Não jure pela lua, que no seu rápido movimento muda de aspecto em cada mês. Não vás tu imitar a sua inconstância”¹.

OUTRA - Isto não vai se repetir.

ATRIZ - Ao menos você me parece sensata. Agora pode se retirar.

¹ Julieta. *Romeu e Julieta*. William Shakespeare

OUTRA - Com a sua licença, madame. (*tenta sair*)

ATRIZ - Espere um pouco.

OUTRA - Mais alguma coisa?

ATRIZ – Não leve tão a sério o que eu disse.

OUTRA – Perdão, eu não entendi.

ATRIZ - Não precisa sair... Se não quiser.

OUTRA – Eu não quero incomodar mais a senhora.

ATRIZ - Não atrapalhará. Sente-se aqui.

OUTRA - Já está tarde.

ATRIZ - Sente-se.

OUTRA - Daqui a pouco será a hora do espetáculo.

ATRIZ - Eu sei. Fique. Preciso de companhia.

OUTRA - Mas, já esta quase na hora e...

ATRIZ - Não agora. Esqueça.

OUTRA - A senhora precisa se arrumar. Vestir o figurino... Por a maquiagem... Eu tentarei ajudar com afinco. Preciso que tenha uma boa impressão de mim.

ATRIZ - Então você tentará “representar” uma eficiente camareira para mim?

OUTRA - Não entendi o que a senhora quis dizer.

ATRIZ - (*serve-se de uma bebida*) Saia desta função. Desconstrua-se!

OUTRA - Como?!

ATRIZ - Tome algo comigo.

OUTRA – Agora?!

ATRIZ - Gosta de vinho? Pegue as taças.

OUTRA - (*tímida*) Desculpe, mas eu não posso...

ATRIZ - Ora, mas por que não?

OUTRA - Não ficaria bem.

ATRIZ – Você não gosta das uvas?

OUTRA - É melhor que eu fique em meu lugar.

ATRIZ – E onde é o seu lugar?

OUTRA – No espaço que me cabe.

ATRIZ - Sente-se aqui.

OUTRA - Não, eu não...

ATRIZ - É um pedido.

OUTRA - Mas é que...

ATRIZ - (*enfática*) É uma ordem!

OUTRA - (...)

ATRIZ - (*segreda*) Eu não quero mais este silêncio. Ele me incomoda, entende? Preciso do trocadilho das palavras. Dos seus significados e acentos. Das onomatopeias. Da sequência das frases. Do conflito dos diálogos, das contradições, das pausas necessárias... (*grita*) E das vírgulas, vírgulas, vírgulas... (*pausa*) Vou te confessar um pequeno segredo. Você sabe guardar segredos?

OUTRA - (*desconfortável*) Bem, eu...

ATRIZ – Sabe... Sabe sim... É claro que sabe, não é?

OUTRA - Ao menos, eu não costumo fazer intrigas na cozinha, como as outras.

ATRIZ - Ótimo! Escute bem o que vou dizer... Eu nunca comentei isto em nenhuma entrevista, com nenhum diretor, fã, amante ou espectador... Nem com o meu espelho! Aceita ouvir?

OUTRA - Algo tão importante assim?

ATRIZ - Insaciavelmente necessário.

OUTRA - Pode me revelar se vai lhe fazer feliz.

ATRIZ - Existem alguns segredos que precisam ser compartilhados. Concorda?

OUTRA - Confesso que estou até um tanto curiosa.

ATRIZ - Bem eu... Eu queria dar um grito.

OUTRA - (*sem entender*) Um grito, senhora?

ATRIZ - Um grito imenso. Um grito de *Munch*.

OUTRA - Quem?!

ATRIZ - Um quadro de urgência e desespero.

OUTRA - Mas, é tão difícil assim?

ATRIZ - É o sonho de toda atriz. Dar este grito. Gritar para exorcizar os personagens

inconstantes que lhe visitam. Que querem fazer parte da sua história, sem pedir licença.

OUTRA - Eles não são importantes como diz?

ATRIZ - Até demais. Por isso precisam sumir... Desaparecer... Naufragar sem vestígios. Quando for quebrado o pacto.

OUTRA - A senhora está bem? Parece pálida.

ATRIZ – É impressão sua. Eu estou ótima. Eu sempre estou ótima! Ajude-me com esses cosméticos. (*mexe nas caixas*) Veja... Você gosta? (*borra o rosto com a pintura e cantarola*)

OUTRA - Da música?

ATRIZ - Dessa maquiagem.

OUTRA – Bem... É diferente.

ATRIZ - Deixe-me ver como fica em você.

OUTRA - (*pacata*) Não, eu não devo...

ATRIZ - Bobagens...

OUTRA - (*resistente*) Por favor, senhora...

ATRIZ – Ora, venha... Aproxime-se.

OUTRA - Sei que não devo me exceder. Conheço bem os meus limites. Toda gaveta tem os seus próprios guardados. Existem linhas que não devo ultrapassar.

ATRIZ - Deixe de tremeliques! Quero apenas que você se transforme. Experimente outra face. (*pinçela o rosto de OUTRA*) Perfeito... Ficou bom, assim... Veja! (*mostra o espelho*)
Gosta?

OUTRA - (*ri, simplória*) É engraçado... Nunca me enxerguei assim.

ATRIZ - Este espelho é mágico, não?

OUTRA - É bonito, muito bonito... (*pausa*) Assim, como a senhora.

ATRIZ – Ah... Então você me acha bonita? Pois repita isso quantas vezes quiser.

OUTRA - Todos acham. Não só eu. Dizem que é bonita e elegante. Forte, hipnotizadora e tem uma presença certa e imponente.

ATRIZ – Sobre essa ilusão já disse Dorotéia: “Só lhe digo que desejaria ser – horrível! Juro... Ser bonita é pecado... Por causa do meu físico tenho tudo quanto é pensamento mau... Sonho ruim... Já me vi tão desesperada que, uma vez, cheguei a desejar ter sardas... Eu que acho sardas uma coisa horrível... Talvez assim os homens não se engraçassem tanto comigo e eu pudesse ter um proceder condizente...”²

² Dorotéia. *Dorotéia*, Nelson Rodrigues.

OUTRA - Impossível enxergá-la de outro modo.

ATRIZ - Jura? *(ri)* Mas, é só a mágica deste espelho. Um espelho é uma superfície muito lisa e com alto índice de reflexão de luz. Espelhos possuem formas variadas: planos e esféricos. O espelho pode ser relacionado à vaidade, pois é através do reflexo deles que os seres podem se olhar, avaliar e julgar.

OUTRA - Eu sempre carrego um pequeno em minha bolsa.

ATRIZ - Mas, tome cuidado, pois nem todos dizem a verdade. Alguns sabem trair... São lascivos. Para lá de espertos!

OUTRA - *(tímida)* Eu cheguei a ouvir algumas palavras que a senhora estava dizendo antes que eu desmaiasse ao chão... Achei um pouco estranho o texto que estava ensaiando. Estranho, mas interessante. Bastante interessante.

ATRIZ - Mesmo? *(ri)* E se eu não estivesse ensaiando? *(pausa)* Pois saiba então que não era a personagem. Era eu mesma, em pensamentos altos, doidivanos até. *(pausa)*

OUTRA - Sério? Mas, me parecia que...

ATRIZ - Ilusões... Ilusões, minha cara... "Pois toda vida é sonho e os sonhos, sonhos são", Calderón de La Barca. Eu vivo dos sonhos.

OUTRA - Eu tenho que estar sempre acordada. Durmo muito pouco. *(mexe na luminária)*

ATRIZ – Não acenda a luz!

OUTRA – Mas, eu só ia...

ATRIZ – Não importa. Ainda temos muito que conversar.

OUTRA – Conversar? Nós duas, senhora?

ATRIZ - Diga-me: você gosta do que faz?

OUTRA - Eu?!

ATRIZ - Sim. Você se sente uma pessoa realizada? Dona das suas vontades... Certa do seu poder... Consciente do seu espaço e arredores?

OUTRA - Não sei o que é isso não, dona... A gente aprende a se acostumar com o que tem. Eu acho que está bom assim.

ATRIZ - E o que você tem?

OUTRA - Tenho as minhas coisas, ora!

ATRIZ - Muitas?

OUTRA - Cabem aqui. Na palma da minha mão.

ATRIZ - Mãos... Elas podem tocar... Vibrar... Aplaudir! Você gosta de estar aqui?

OUTRA - Aqui?

ATRIZ - Sim. Neste teatro... Com os camarins... As coxias... A plateia!

OUTRA - Gosto... Acho bonito. Grandioso. No início estranhava um pouco este furdunço, esta barulheira, estas luzes salientes... Mas estou me acostumando aos poucos.

ATRIZ - Antes eu também me assustava... Era uma menina tola no início.

OUTRA - Que estranho.

ATRIZ - O quê?

OUTRA - Este aquário.

ATRIZ – Foi um mimo de um fã insaciável... Um presente um tanto pitoresco.

OUTRA - Alguma coisa nele me incomoda.

ATRIZ - Você não gosta?

OUTRA - Não tem peixes.

ATRIZ - Ora, isto é só um detalhe.

OUTRA - Mas, não deveria ter alguns peixes?

ATRIZ - Devem estar vindo.

OUTRA - *(ri, com prazer)* Como? Andando? Os peixes?

ATRIZ - Alguém deve tê-los retirado, para limpar o aquário, trocar a água, sei lá...

OUTRA - É muito estranho. Um aquário sem peixes não deveria ser chamado de aquário. Parece apenas uma vasilha.

ATRIZ - Não. A essência dele é a de um aquário. É para o que ele foi planejado, consegue entender? Ser um guardião de peixes. Pode até ser chamado por outro nome, mas a sua função, a sua sina é sempre a mesma. Proteger os peixes.

OUTRA - Mas, é artificial. Não seria mais justo estarem no mar... No rio?

ATRIZ - Quem?

OUTRA - Os peixes!

ATRIZ - Mas, o aquário “representa” o mar, o rio... Ele tem este poder.

OUTRA - Entendi. Ele é importante, assim como o palco para a senhora, não é? Ontem eu consegui assistir um pouquinho da peça, atrás da cortina, a senhora fica tão bonita quando entra naquelas luzes.

ATRIZ - Você acha?!

OUTRA - Parece se transformar, assim, sei lá, como uma outra mulher... A sua voz, o seu

jeito, o seu tamanho... E não é a roupa nem a maquiagem não! Não sei dizer direito.
Desculpe.

ATRIZ - Tudo bem, eu entendo, obrigada. Mas, hoje eu quero outra coisa para mim.

OUTRA - Como assim?!

ATRIZ - Você nunca se cansa do seu trabalho?

OUTRA - Eu preciso dele. O que se há de fazer?

ATRIZ - Você é uma mulher comum?

OUTRA - Como?!

ATRIZ - Tem filhos?

OUTRA - Sim. Três. Uma menina e dois meninos. Dormimos num mesmo cômodo alugado. O mais velho toma conta dos menores enquanto eu trabalho à noite. O menor amanheceu hoje com febre, catarro, remela nos olhos e as suas fezes estão meio esverdeadas e...

ATRIZ - (*com asco*) Por favor, poupe-me destes detalhes escatológicos!

OUTRA - Falei alguma bobagem?

ATRIZ - Você é uma mulher comum!

OUTRA - Devo ser. Acho que sou sim... Comum... Mas talvez eu seja um pouco mais importante agora. Finalmente consegui este emprego. Não foi nada fácil, acredite.

ATRIZ - A batalha é inerente ao suor e deve ser recompensada. Principalmente em tempos de guerra. *(pausa)* Sejamos potentes como a Mãe Coragem: “Me chamam de Coragem porque uma vez; para escapar da falência, eu atravessei o fogo da artilharia de Riga, com cinquenta pães na carroça; eles já estavam dando bolor, não havia tempo a perder, e eu não tinha outro jeito”³.

OUTRA - Pois aqui o salário é pouco, mas é uma honesta forma de sustento. Não tenho medo de trabalho. Por que teria? A preguiça é a chave da pobreza! As minhas crianças tem muita fome, sabe? Mas não são lombriguentas. Só estão cansadas de ovo com farinha. As carnes possuem bons nutrientes. Mas, são difíceis de ter num prato. É artigo de desejo. Raridade para pobres. Mas, nunca sonho com o que é impossível, como o filé *mignon* – é um dos cortes mais caros, nobres e suculentos - coisa de palácio! Serve para fazer rosbife, estrogonofe e comer em fatias finas, pois rende mais. A alcatra serve também para comer em bifés. É uma carne bem macia, pra mim é até mais saborosa que o filé *mignon*! O contrafilé serve para comer em bifés, estrogonofe, picadinho. Mas, o coxão duro é o que sempre levo do açougue, pois é uma opção um pouco mais barata. O bife não é tão macio quanto da alcatra e do filé *mignon*. Ah, tem um segredo: o melhor é sempre pedir o final do coxão, pois os primeiros cortes vêm com muita gordura.

ATRIZ - *(finge interesse)* É mesmo? Mas que encantador! Conte-me mais sobre este assunto.

OUTRA - O patinho serve bem pra carne moída. A dica é pedir que o açougueiro limpe

³ Mãe Coragem. *Mãe Coragem e seus Filhos*, Bertold Brecht.

bem e depois moa na hora mesmo. Não vale comprar carne já moída, não é muito seguro, não! Músculo e acém - carnes de segunda – são boas pra carne de feijão, ensopadinhos... São mais macias e vêm com mais gordura. As facas afiadíssimas são perfeitas para cortar carnes e cebolas, mesmo se não for com aquela agilidade toda. Elas evitam fazer a gente chorar. Um bom truque é colocar a cebola por algumas horas na geladeira antes de molhar bastante em água corrente e cortar em pequenas fatias. Mas agora a senhora me fale a verdade: tem graça cortar a cebola sem chorar?

ATRIZ - Nenhuma! Concordo com você. Está certa. Não sou eu mesma sem as minhas lágrimas... As lágrimas são bem-vindas para uma atriz, elas limpam a alma. Como a água deste aquário amaciava os peixes. Você é uma mulher comum. E me provou isso. Já achou o seu lugar trivial no mundo. Vale mais que um bocejo!

OUTRA - Bem, eu espero que sim.

ATRIZ - (*anda brusca pelo espaço*) Qual o percentual de área do planeta ocupada por continentes?

OUTRA - Hãn?

ATRIZ – 29,2% Qual o percentual de área do planeta ocupada por oceanos? 70,8% Qual o ponto mais elevado?

OUTRA - Do que a senhora está falando?

ATRIZ - Monte Everest. Qual a maior depressão? O mar Morto. A maior ilha? Groelândia. Qual

a maior bacia hidrográfica? Amazônica. E o rio mais extenso? Diga-me.

OUTRA - Mas, que brincadeira é essa?

ATRIZ - Qual é o rio mais extenso? Nilo! Qual o maior lago? Cáspio. Mar Cáspio! E o maior deserto?

OUTRA - Aquele lugar com bastante areia, muito quente e sem água alguma?

ATRIZ - Se der muita sorte pode achar um oásis.

OUTRA - Lembrei. É aquele da marchinha de carnaval: Saara. Deserto do Saara!

ATRIZ - Ponto pra você! Agora, uma mais difícil: qual o maior país? A Federação Russa. E o menor? Hein? Pense rápido!

OUTRA - (*incomodada*) Sei lá... Sei lá...

ATRIZ - Vaticano. O do Papa! A Santa Pelágia me protege! É a padroeira dos comicos, dançarinas e atrizes. Dizem que ela foi uma dançarina belíssima e rica cortesã antes de trocar os seus vestidos luxuosos por rudes vestimentas masculinas num caminho de solidão em busca da virtude. Engraçado, não?

OUTRA - O quê?!

ATRIZ - Esta transição entre o profano e o sagrado. Opostos que se complementam. Duvido

que ela tenha esquecido de todo o seu passado. *Sursum corde. Mystérium fidei*⁴. Você é católica?

OUTRA - Eu tenho um pouco de fé, isso ainda não acabou em mim. Já passei por várias religiões... Católica... Evangélica... E já frequentei alguns terreiros também. Mas hoje acredito somente naquilo que pode fazer os meus filhos serem felizes neste mundo.

ATRIZ - E quantos somos neste mundo? Qual é a população mundial?

OUTRA - Ah, isso eu esqueci.

ATRIZ - Arrisca, vai!

OUTRA - Mais de um milhão, não é?

ATRIZ - Vai além dos sete bilhões!

OUTRA - Nossa...

ATRIZ - E o número de países do mundo? Você sabe?

OUTRA - (*finje inteligência*) Tem bastante. Está tudo espalhado por ai!

ATRIZ - 194 ou 195 países, considerando alguns territórios palestinos. E ainda tem Kosovo, Taiwan e...

⁴ Até coração. O mistério da fé.

OUTRA - Fiquei tonta outra vez. Por que é que a senhora decora tudo isso?

ATRIZ - Eu estou tentando achar o meu lugar no mundo.

OUTRA - Mas a senhora não está aqui na minha frente?

ATRIZ - Talvez eu seja uma ilusão. Na minha lápide quero que esteja escrito: aqui jaz aquela que não soube dar o seu próprio grito. Perdeu o seu tempo pungentemente entre candelabros e... Alcachofras.

OUTRA - Que vontade mais esquisita, madame!

ATRIZ - Não é esta a deixa...

OUTRA - Como?

ATRIZ - A minha deixa... Você deveria me perguntar sobre a solidão. E então eu responderia: "eu ando só, muito só"...

OUTRA - Mas e este povo todo que vive atrás da senhora? O seu telefone nunca para de tocar. Sempre recebe muitas flores após as sessões. Tudo aqui fica perfumado.

ATRIZ - Os aromas se vão. É puro afã. Eles andam atrás de alguém que não sou eu, entende?

OUTRA – Mas eles conhecem a senhora. Sabem de toda a sua vida e...

ATRIZ – Eles precisam é de miragens como no deserto. Ninguém me conhece... Nem eu mesma. Sou volátil. Com franjas de ausências.

OUTRA - A senhora me parece triste.

ATRIZ - *(dramática. Fala em italiano.) Sono triste, molto triste, come una maschera. Sono da solo. Non posso urlare. E ho bisogno, lo sai? Nessuno si rende conto come mi sento dietro questo make –up*⁵.

OUTRA - Eu admiro muito a senhora. É muito garbosa.

ATRIZ - Você já amou alguém?

OUTRA - Por que me pergunta isso?

ATRIZ - Digamos que estou pesquisando a sua identidade. Fazendo um “laboratório” sobre você... Inquietações de uma atriz. Diga-me, você já amou?

OUTRA – Ah, sempre fui uma tola apaixonada, desde criança no interior, onde cresci colhendo frutas em árvores. Achava que eu casaria com um príncipe que me amasse muito e gostasse de tangerinas, seria feliz, rica e bonita, assim como a senhora. Mas, o tempo foi passando de forma diferente. Amar, amar, amar... O meu sonho foi morrendo. Não tinha mais tempo para eles. Para regá-los. E hoje não dá mais... Meu destino foi bem diferente do que eu imaginava. O tal do amar ficou para depois... Bem, tirando os meus filhos, acho que só amei o meu marido que morreu. Ele não merecia, mas eu

⁵ Eu sou triste, muito triste, como uma máscara. Eu sou sozinho. Não posso gritar. E eu preciso disso, você sabe? Ninguém percebe como me sinto por trás dessa maquiagem.

gostava do danado. Fazer o quê? Gostava sim. Me batia, me tirava dinheiro, me humilhava. Mas, eu gostava dele, sabe? Para estas coisas de sentimento a razão é fraca... Ele teve um fim de tragédia. Levou um tiro num assalto, não resistiu e morreu lá mesmo, estirado no asfalto, pintado de sangue na testa... E ele nunca soube que era o meu príncipe e que gostava de tangerinas.

ATRIZ - Nossa, que bela tragédia... Belíssima tragédia! (*aplaude*)

OUTRA - Naquele instante, eu chorei, eu me rasguei, eu gritei...

ATRIZ - (*com inveja da palavra*) Gritar... Eu nunca consigo!

OUTRA - A senhora ouviu o barulho? Está quase na hora do seu espetáculo. O público deve estar chegando ansioso.

ATRIZ - Hoje eu não vou entra em cena.

OUTRA - Como assim?

ATRIZ – Simplesmente não quero que as cortinas se abram.

OUTRA - Está de galhofas comigo?

ATRIZ – Tenha calma. Não se preocupe. Farei outro tipo de encenação.

OUTRA - Que loucura é essa?

ATRIZ – Não, não é loucura e tampouco devaneio, trata-se de um fato!

OUTRA - Mas o povo vai estar todo lá sentado esperando. Todos saíram das suas casas galante, cheirosos e arrumados. Só para ver a senhora. Compraram os ingressos, bombons e tudo o mais! E o preço é maior que o meu salário do mês. Pode acreditar.

ATRIZ - Ora, que todos se danem! Eles não vieram me ver. Vieram pela OUTRA.

OUTRA - Outra? Que outra? A senhora deve estar passando mal, eu sei. Um chá...
Aceita um chá?

ATRIZ - Hoje será diferente, a estreia será aqui, só para você.

OUTRA - Para mim?

ATRIZ - Para nós duas.

OUTRA - Mas, por quê?

ATRIZ - Porque você me entende, sabe o que é a vida. “Os seres humanos vivem numa caverna. Eles apenas veem a sua sombra, ou a sombra dos outros, projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna”. Platão. Filósofo grego. Interessante, não?

OUTRA - Muito.

ATRIZ - Seremos as mulheres do espelho!

OUTRA - Do espelho? Mas, que espelho?

ATRIZ - O que estamos mesmo fazendo aqui? Eu sou real ou personagem? Você também poderá ser uma atriz.

OUTRA – Eu... ATRIZ?!

ATRIZ - E este aquário vazio? Onde estão mesmo os peixes?

OUTRA - Talvez tenham morrido.

ATRIZ - Ou tenham sido assassinados.

OUTRA - Assassinados?

ATRIZ - Seremos as próximas.

OUTRA - (*assustada*) Não... Acho que não.

ATRIZ - Vamos inverter os nossos papéis?

OUTRA - Isto não é possível.

ATRIZ – Você é capaz, não se subestime!

OUTRA - Por favor, madame, seja mais razoável.

ATRIZ - Eu decorarei o seu papel a partir de agora. Trocaremos as falas.

OUTRA - Eu não tenho nenhum texto, senhora, nunca tive.

ATRIZ - Faremos de conta que estamos num palco. Podemos ensaiar.

OUTRA – Eu sou uma mulher comum.

ATRIZ - Através do espelho você aprenderá a ser várias, infinitas!

OUTRA - (*preocupada*) Eles vão bater na porta.

ATRIZ - Vou te transformar.

OUTRA - Já vão dar o sinal.

ATRIZ - Eu serei a OUTRA.

OUTRA - E eu serei despedida!

ATRIZ – Chega! Quem faz dramas aqui sou eu.

OUTRA – Cana na fazenda dá pinga. Pinga na cidade dá cana! Eu sei bem o meu lugar.

ATRIZ - No teatro somos donos dos lugares e do tempo!

OUTRA - Vamos esquecer estas coisas.

ATRIZ – Mas, ainda nem começamos.

OUTRA – Eu preciso voltar para a minha rotina.

ATRIZ – Relaxe um pouco.

OUTRA - Cabeça vazia é oficina do diabo!

ATRIZ - Ora, venha, confie em mim. (*cantarola e começa a arrumar OUTRA com acessórios e plumas.*)

OUTRA – Estamos perdendo o bom senso.

ATRIZ - Pronto. Está ótima, mais que fulgás. Tome, aqui está o texto.

OUTRA - Eu não conseguirei.

ATRIZ - Claro que irá conseguir. Você será a OUTRA! Mantenha esta sua naturalidade brejeira que lhe é tão peculiar. Fique longe do enfadonho e olhe para o infinito do que só você é capaz de imaginar. Pronto, risque o fósforo e incendeie a cena, agora já pode começar as labaredas!

OUTRA - (*nervosa*) Mas, eu não posso.

ATRIZ - Pode. É claro que pode, não seja tola! Deixe de rubores insensatos. Respire fundo e acredite!

OUTRA - Mas, não é certo.

ATRIZ - E o que é certo? O que é justo? O que é real? Tudo na vida é ilusão! Eu vivo de ilusão. Eu vivo uma ilusão. Eu sou uma ilusão. “A função da arte é fazer inexistir”⁶.

OUTRA - Mas, como? Se eu estou vendo a senhora aqui na minha frente.

ATRIZ - Não sou eu o que você esta vendo. Eu não estou aqui.

OUTRA - (*tensa*) A senhora está morta?

ATRIZ - De certa forma sim.

OUTRA - (*assustada*) Morta... “Mortinha da Silva”?!

ATRIZ – E por que não estaria? Todos nós morremos um pouco. A sorte é que alguns sabem dessa sorte e outros vagueiam moribundos por madrugadas inteiras. Sem perceber o seu pulso gelado ou a perda de vontades.

OUTRA - A senhora é estranha...

ATRIZ - O mundo... O mundo é estranho, meu bem. Segundo Sartre - um filósofo francês - um homem é sempre um contador de histórias; vive rodeado pelas suas histórias e pelas histórias dos outros, e vê tudo o que lhe acontece através delas. Parece que eu vivo de citações, não é? Mas, é que eu sempre tive identidades provisórias, fugi do pertencimento... Escondi a minha vida nas personagens. Fugiu da minha própria história.

⁶ Jean Paul Sartre.

OUTRA - Histórias... Eu tenho a minha. Mas, é triste.

ATRIZ - Conte-me. Não gostaria de experimentar, tentar ser a OUTRA?

OUTRA - Outra? Diferente de mim?

ATRIZ - Várias outras! Ismênia, Arkadina, Medéia, Blanche, Salomé, Neusa Sueli, Martha – com suas verdades embriagadas – Miranda, Ruth, Hécuba, Chen Tê – a prostituta de alma boa - Masha, Desdêmona, Hedda, Moema – que deixou a própria mãe sem as mãos - Nora, Maggie, Julieta, Marguerite - conhecida como a dama das Camélias - Zulmira, Jocasta, Dorotéia, Claire – a vingativa velha senhora - Cândida, Bernarda, Amanda, Teresinha – e seu malandro sedutor - Ofélia, Petra, Joana, Mary Stuart - prisioneira pela ardilosa Isabel - Thereza Carrar, Alaíde e aquela tal Lady do castelo da Escócia, que jamais direi o nome! E tem ainda várias outras. Infinitas. Surgem sempre da escrita de um talentoso autor. Quase todos são mortos de fome. Maltrapilhos... E, talvez por isso, criativos.

OUTRA - Elas são todas suas amigas?

ATRIZ - Todas me instigaram a estar no palco. Mudar de boca, voz e peruca com esta mesma vagina. Ensinaram a me esconder do espelho através de afortunadas personagens... Mas, agora vamos. É a sua vez. Fuja desta sua verdade!

OUTRA - Mas, como?!

ATRIZ - Não é impossível.

OUTRA - Basta. Eu não consigo.

ATRIZ – Então, finja!

OUTRA – Eu não conheço essas mulheres que a senhora citou. Mas tenho outras que admiro, como a Solange que mesmo depois de velha atende num bar de bebuns até alta madrugada e depois segue pra escola tentando aprender o que a vida esqueceu de lhe ensinar... D. Cotinha – a minha vó - que foi mulher-macho no sertão - a danada rebatia qualquer sinal de briga só com os olhos... A Creuza - minha vizinha - que trata de um câncer miserável e consegue ter sempre aquele sorriso alaranjado na boca e a Ivone que não sabe se casa com o rapaz da padaria ou se passeia pela rua com perfume barato e sem calcinha (*ri, envergonhada*). Nesta vida sempre fui eu mesma, só tive uma direção e segui com pressa, sem duvidar de nada.

ATRIZ – Então, minta!

OUTRA - Mentir?!

ATRIZ – Forje essa sua vida sem pedigree.

OUTRA – Mas, eu não sei... Eu não sei como sair deste meu mundo.

ATRIZ - Será fácil. (*ouve-se o som de música*) Uma fuga através do espelho. Eu fujo sempre, para vários lugares. São Paulo, Minas, Bahia, Portugal ou Espanha. Nova York, Londres ou Bagdá. Um gênio sem lâmpada, sem Aladim. Gênio do bem e do mal. Teerã, Kosovo, Beirute, Rio. Sede de Vermouth com cereja, sobremesa de titã. Fujo das gaiolas, dos latidos dos cães, dos famintos alemães, do sertão sem rio... Fujo da FEBEM. Fujo

não sei de quem. Riso tímido de hortelã. Abóbora sem horta. Cinderela ou moura-torta... Fujo das manchetes. Dos baixos salários. Dos desodorantes vencidos. Das guerras por vencer. Vencer sem ter razão... Fujo dos encantos mentirosos. Fujo de Jung. Insônia sem travesseiro. Mas, eu busco a lua. Fujo, não sei prá onde. Fujo. Negrume, queixume, falso lume. Não, não se vende alforria. Não se compra alegria. Cubista cubano. Malásia malária. Africa Arrabal. Fujo. Descalça e com calo no pé. Fujo. Preciso de um pedaço de terra. Que seja meu, para plantar e não ter gaiolas. Troco pela Ópera Turandot, pelo Balé de Pequim ou pelo filme de Bardot. Fujo... E no candeeiro sem luz escureço por meia hora. (*sai do transe*) Percebe?

OUTRA - (*encantada*) Sim, a senhora faz mágica!

ATRIZ - Só não consigo dar o grito. Este maldito grito!

OUTRA - Estão batendo na porta. Vou abrir.

ATRIZ - Não. Ainda não estou pronta. Não quero falar com ninguém.

OUTRA - Mas, já deram os tais sinais. As batidas!

ATRIZ - Preciso dar o meu grito, mas não consigo.

OUTRA - Senhora, eles vão querer entrar. Eu ouvi os sinais!

ATRIZ - Eles que esperem. Se é que precisam de ilusões. Todos precisam de alguma forma, não é mesmo? A vida real é muito cruel!

OUTRA - A gente se acostuma, senhora.

ATRIZ - (*acende um incenso e fala delicadamente*) Você gosta deste cheiro? Gosta? É alecrim. Também chamada de “erva da alegria”, os seus óleos essenciais favorecem a produção de neurotransmissores responsáveis pelo bem-estar. O alecrim é muito utilizado como aromatizante de ambientes, por ter odor agradável, e realça os sabores de alimentos, você pode colocá-lo em todos aqueles seus tipos de carnes, por exemplo! (*ácida*) E ele também ajuda na depressão; cansaço; insônia; dores de cabeça e feridas que precisam ser cicatrizadas. (*senta-se numa poltrona, tonta*)

OUTRA - (*preocupada*) Madame... Quer um leque? A senhora parece estar sufocada por algo. Está rubra... Respira bem?

ATRIZ - Claro que sim. Mas ainda me falta algo. É angustiante esta incompletude.

OUTRA - Posso ajudá-la? A senhora precisa se cuidar.

ATRIZ – Sou como a *Dama das Camélias*... “Mas se eu me tratasse, morreria. O que ainda me sustenta é a agitação da vida que levo. Me tratar... Isso é bom para as moças de sociedade, as que têm família e amigos: mas nós, quando não servimos mais, nem para o prazer nem para a vaidade de ninguém, somos postas de lado. E às noites sem fim, sucedem os dias sem fim; eu sei disso, estive de cama dois meses, depois de três semanas, ninguém mais vinha me ver”.⁷

OUTRA - Mas eu estou aqui. Pode contar comigo.

⁷ Margarida. *A Dama das Camélias*. Alexandre Dumas Filho.

ATRIZ - Só você pode me tirar desta lamúria. Eu preciso que represente a sua vida para mim!

OUTRA - A minha vida?

ATRIZ - Encante-me com o seu relato. Agora eu serei a sua plateia. Surpreenda-me!
Merde!

OUTRA - (*adquire ares mais firmes*) A minha vida não tem brilho, não senhora, só fumaça. Fumaça no transporte sempre cheio na ida pro trabalho e na noite mal dormida. Fumaça matinal de um café de bar. Fumaça no prato feito do almoço. Fumaça no chiclete da calçada que prende na sandália. Fumaça do pivete de mão armada. Fumaça na folia desgarrada de lavar roupa. Fumaça pra quem anda a pé, como eu, apressada. Fumaça no cinzeiro do polícia que acha que você é perigoso. Fumaça na manchete do jornal que conta das balas perdidas. Fumaça não é neblina. Fumaça não tem crina. Fumaça não tem osso. O meu cotidiano é fugir da fumaça. Pra não engolir, e engasgar com o tropeço. A minha vida não tem brilho, mas é esta a única que eu tenho. Fazer o quê?

ATRIZ – Arrasou! Foi simplesmente divina!

OUTRA - Eu?!

ATRIZ - Você me provou que tem talento, agora eu sei que tem! Você é única em seu personagem. Bem certo que precisa de mais postura, mais presença, trabalhar um pouco esta projeção de voz... Mas, tem verdade no que diz e isto é importante!

OUTRA - Eu sou comum, senhora. Uma mulher comum.

ATRIZ - E acha isto pouco? Você tem tudo o que eu preciso: ser comum! Vomitar em azulejos de banheiros públicos. Fazer bairrada em vestidos rotos. Perder horas em filas labirínticas. Dar um grito comum. Sem autores, sem diretores, sem maquiagem, sem plateia. Ter o meu próprio grito.

OUTRA - Agora eu tenho que trabalhar, preciso deste emprego. Não posso vacilar. Caranguejo não criou pescoço para não ser enforcado! Desculpe, mas eu preciso sair!

ATRIZ - Deixe de arrufos. Você não vai a lugar algum. (*segue até a porta, tranca, e esconde a chave*) Não, agora estamos trancadas. Nós duas. Para que servem as chaves, você sabe? Para tentar esconder as frestas das fechaduras. Elas incomodam demais. Liberte-se delas!

OUTRA - A senhora não pode fazer isso. Eu serei despedida!

ATRIZ - Basta! (*esbofeteia OUTRA*)

OUTRA - (*surpresa*) A senhora me bateu!

ATRIZ - Foi só um truque...

OUTRA – Mas, doeu de verdade.

ATRIZ – Esta cena me exigiu certa intenção.

OUTRA – Mas, por que fez isso?

ATRIZ - Eu quis acalorar esta nossa discussão. Agora, nós podemos continuar.

OUTRA – Cheguei ao meu limite.

ATRIZ - Esta noite será nossa. Só nossa! E você vai gostar. Acredite em mim.

OUTRA – Mas, isto não é certo.

ATRIZ – O que disse mesmo a Nina em *A Gaivota*? Creio que foi algo como... “Vamos sentar. (*sentam-se*) Vamos, sentar e conversar, conversar. É bom aqui, é quente... Acolhedor... Está ouvindo o uivo do vento? Turgueniev escreve em algum lugar. ‘Feliz daquele que passa uma noite inclemente debaixo de um teto, que tem um abrigo.’ Eu sou uma gaivota... Não, não era isso que queria dizer. Não, não é nada! (*chora convulsivamente*) Não é nada, isso me alivia... Não chorava há dois anos. Ontem, tarde da noite, vim ver se ainda existia nosso teatro no jardim. Pois ainda está lá, de pé. Pela primeira vez em dois anos desatei a chorar e me senti melhor, a alma mais leve. Está vendo, já não choro mais.”⁸

OUTRA - (*nervosa*) Desculpe, mas eu tenho que lhe dizer: a senhora está fora do seu estado normal! Eu preciso sair, é o meu trabalho. O único que tenho. A vida lá fora é cruel!

ATRIZ - Não é este tom.

OUTRA - Como?

⁸ Nina. *A Gaivota*. Anton Tchecov.

ATRIZ - Vamos ter que repetir esta sua fala.

OUTRA - (*confusa*) Repetir?

ATRIZ - Tente ser mais enfática, meu bem, de outra forma não me convencerá. A mim e a ninguém. Como foi mesmo o que disse?

OUTRA - Não me lembro mais.

ATRIZ - “Eu preciso sair, é o meu trabalho. O único que tenho. A vida lá fora é cruel!”.
Lindo texto! Vamos, repita, repita!

OUTRA - (*perdida*) Eu preciso sair agora, é o meu trabalho que...

ATRIZ - É uma frase de urgência, entende? Você precisa passar uma intenção verdadeira, trabalhar mais os focos, articular as palavras, a respiração, manter a presença e, claro, nunca cair no melodrama desnecessário. Isto é muito importante, a plateia percebe fácil, fácil... Vamos, repita para mim!

OUTRA - (*ofendida*) Para mim chega, senhora, não acho graça alguma!

ATRIZ - (*ressentida*) Então, você não gosta de mim?

OUTRA - Estão batendo na porta. Não ouve?

ATRIZ - Você não gosta de mim! Não gosta.

OUTRA - Já esta na hora do espetáculo.

ATRIZ – Mas, nós somos o espetáculo!

OUTRA - Chega. Eu desisto!

ATRIZ - Você precisa ser mais ousada, acreditar no seu potencial, enquanto ainda está viva!

OUTRA - Formiga quando quer se perder cria asas, me deixe aqui com a minha lida.

ATRIZ - Hoje eu não vou entrar em cena.

OUTRA - Senhora, eles estão batendo na porta. É urgente!

ATRIZ - Pois, que batam. Hoje a ATRIZ vai se aposentar.

OUTRA - Não pode ser assim...

ATRIZ - Esta noite sou eu quem decide. Quem estará na plateia serei eu. Desejarei *Merde... Merde!* Quero assistir a tantas outras mulheres comuns disfarçadas de guerreiras de palco. Que tecem teias e devoram seus aplausos. Fêmeas suicidas. Atrizes. Eternas atrizes. E também efêmeras. Rudes quando precisam ser. Pois o teatro tem a sua potência e também sabe incomodar quando é preciso... Sim, algumas de nós até foram presas, torturadas, humilhadas... Retiradas do tablado... Mas sabemos renascer e ser insanas, abstratas e fortes. Sempre fortes. Mulheres lutadoras feitas de poeira, suor e cimento...

OUTRA - A porta... Aqueles homens peludos, de ternos limpos e olhos grandes... Eles devem estar furiosos! Já passa da hora e temos que abrir, não há tempo para mais devaneios.

ATRIZ - Onde estarão os peixes deste aquário, hein? Você seria capaz de adivinhar? Aquário também é o décimo primeiro signo zodiacal astrológico, associado à constelação de Aquarius. O seu símbolo é representado por uma mulher derramando um vaso. A constelação Aquário data dos tempos da Babilônia, você sabia? Existem muitas associações mitológicas para esta constelação, aparecendo por vezes identificada com Zeus, vertendo as águas da vida dos céus.

OUTRA - (*atônita*) Por que este assunto agora?

ATRIZ - (*sussurra*) Diga-me. Onde você acha que estarão os peixes deste aquário?

OUTRA - Este não é o momento para este tipo de brincadeiras, senhora.

ATRIZ - Nós criaremos o momento. E o momento é este agora.

OUTRA – Não seja tão teimosa.

ATRIZ - Saiba que aqueles peixes não fugiram.

OUTRA – Não?!

ATRIZ - Estão todos por perto.

OUTRA – De nós duas?

ATRIZ – Eles nadam por aqui.

OUTRA – Onde?

ATRIZ - Dentro mim.

Som de estranhamento

OUTRA - Do que a senhora está falando?

ATRIZ - Você não acredita, não é? É uma tola. Pois saiba que eles nadam em minhas artérias e veias, banham-se em meu sangue. Que pode ser doce ou salgado. Depende do meu humor. Estão todos aqui. Mergulhados em mim: peixinhos dourados, tetras, dânios, platis, betas, gobys, blenios, budiões... São insanamente livres e felizes. Não precisam mais do aquário. Eu os guardo aqui bem dentro de mim. Sou o seu rio e o seu mar.

OUTRA - Isto não é verdade. É mais uma das suas personagens, eu sei.

ATRIZ - A realidade nunca teve importância para mim. Vivia através das essências, das texturas e dos aromas dos textos. Sempre achei o mundo real muito frio, feio, barulhento e equivocado. Mas agora vejo que ele também tem um certo sentido, uma quase dignidade. Preciso experimentá-lo antes que seja tarde. Vou ficar por aqui.

OUTRA - (*grita, nervosa*) Para mim basta, senhora!

ATRIZ – Por favor, fale baixo... A Blanche não gosta de gritos... “Espere um minuto. Não

ouço o que você está dizendo e você fala tão pouco que quando diz alguma coisa, não quero perder nem uma sílaba... Que é que estou procurando aqui? Ah! Sim... Bebida. Passamos por tantas emoções esta noite; Eu estou mesmo ficando maluca. Achei qualquer coisa para beber. Conforto do Sul! Que será isto?”⁹

OUTRA - Eu vou embora.

ATRIZ - Então vá, se perca nas vielas de onde nasceu, suma daqui. Você também não me entende, não é?

OUTRA - Entendo, entendo sim, mas...

ATRIZ - É como todos eles... Ordinária! Achei que fosse diferente, que precisasse de mim.

OUTRA - Senhora, escute...

ATRIZ – Pois que vá embora, siga a sua rotina de serviçal, não é isso que você quer?

OUTRA - Não!

ATRIZ - Pode abrir a porta e voltar para a sua vida única, igual a tantas outras. Esqueça-se de mim, se conseguir. Mas, antes apague esta luz. Quero ficar só.

OUTRA - Mas... Eles vão...

⁹ Blanche. *Um bonde chamado desejo*. Tennessee Williams.

ATRIZ - Eu não preciso mais de ninguém, saia.

OUTRA - Senhora...

ATRIZ - Saia! Aqui está a maldita chave. *(joga o objeto no chão)*

OUTRA - Dizem que obedecer é mais seguro do que mandar... Esta bem. Eu vou sair.

Tenta abrir a porta e sente dificuldade.

ATRIZ - Não consegue? *(ri)* Pois saiba que não é esta a chave.

OUTRA – Onde ela está então?

ATRIZ – Tola! Creio que te enganei...

OUTRA - Por que a senhora fez isso?

ATRIZ – Tenha calma... Digamos que foi outro pequeno truque cênico.

OUTRA – *(espantada)* Um truque?!

ATRIZ - Aumenta o suspense. Favorece o clímax... Gosto disso... E a plateia também...

Você só precisa entender que...

OUTRA – Eu não quero saber de mais nada... Tenho que continuar o meu serviço, por favor.

ATRIZ – Eu preciso de você aqui comigo.

OUTRA – Basta dessas conversas.

ATRIZ - Nós duas somos o reflexo de um mesmo espelho.

OUTRA - (*furiosa*) Não se aproxime. Estou mesmo farta destas suas brincadeiras sem sentido! (*pega um punhal que estava fixado na parede*)

ATRIZ - (*irônica*) Ora, vejam só...

OUTRA – Fique longe de mim!

ATRIZ – Aprendeu a se proteger?

OUTRA – Estou tentando. Gente como eu sempre tenta alguma coisa para sobreviver.

ATRIZ – Claro, claro... Forjou uma defesa.

OUTRA – Eu só quero sair daqui.

ATRIZ - Pois saiba que eu gosto muito deste punhal. Você escolheu bem. Tem bom gosto... Ele é bastante exótico, não acha?

OUTRA – Eu não acho nada! Não me confunda mais.

ATRIZ - Comprei essa arma decorativa durante um festival internacional de teatro. Creio

que na Colômbia, numa daquelas feiras típicas debaixo de um calor estúpido, cercada por turistas curiosos. Mas, na verdade, isso já faz algum tempo. A lâmina deve ter enferrujado.

OUTRA – (*afrota*) Talvez ele continue afiado... Eu posso tentar conferir.

ATRIZ – Isso! Gostei... Muito boa esta sua ousadia. Mantenha isso. Admiro a sua petulância. Tem um temperamento pueril, mas cultiva certa verdade. Muito bem... Está aprendendo rápido. Isto é bom. Arrisque-se.

OUTRA – Era para ser apenas mais uma noite de trabalho para uma mulher comum.

ATRIZ - Concordo que seria um final digno. “Nobre atriz morre apunhalada pela sua nova camareira”. Daria uma excitante manchete com uma pitada de classe social. O que acha?

OUTRA – Não sei onde tudo isso vai acabar...

ATRIZ – Será fácil... Imagine que sou uma daquelas carnes do seu açougue. A mais suculenta. E corte de mim fatias finas. Esqueça o sangue... Ou pense que sou a remela nos olhos do seu filho e também aquelas suas fezes um tanto esverdeadas... Vamos, se entregue à fúria e ao seu desejo!

OUTRA – Não sei se consigo.

ATRIZ – Você sabe cantar?

OUTRA – Só quando lavo roupas... Cantigas antigas.

ATRIZ – Cante alguma para mim...

OUTRA – Cantar?

ATRIZ – Aposto que tem uma boa musicalidade.

OUTRA – *(canta um trecho de uma cantiga popular e logo para)*

ATRIZ – Continue... Que bela voz você tem!

OUTRA – Não consigo, senhora... Não consigo. Estou nervosa, não percebe?

ATRIZ - Seja brava. Pense firme como Medéia... “Vamos, pois, coração, arma-te de força! Se o mal é necessário, não tens porque vacilar. Vai, misera mão, empunha a espada e segue comigo o triste rumo da malfadada vida. Não te acovardes, Medéia, segue!... terás o resto da vida, até a morte, para disso se lamentar”¹⁰

OUTRA - *(desiste)* Temos que parar com esta situação, eu te imploro, não faz o menor sentido

todo este delírio e além do mais... É preciso iniciar o espetáculo.

ATRIZ - *(volta a se arrumar e dança com lenços, delira sozinha)* Eu sou sete. Sete danças. Sete véus. Sete fábulas. Sete canções. Sete anões. Sete brancas-de-neve. Sete madrastas. Sete monges. Sete mongas. Sete beatas. Sete pecados não cometidos. E

¹⁰ Medéia. Medéia, Eurípedes

outros sete condenados... Eu sou sete. Sete rugas. Sete esmaltes. Sete varizes. Sete seios. Sete selos. Sem envelopes pra enviar. Sete partos. Sete choros. Sete mães desnaturadas. Eu sou sete. Sete jornais. Sete manchetes. Sete charutos. Sete fumaças. Sete chagas. Sete bancos. Sete aposentados lendo classificados. Eu... Eu sou sete. Sete luas. Sete dias. Sete mares. Sete vermelhos. Sete Yansãs. Sete lanças. Sete folhas de alumã. Sete espelhos quebrados ao vento. Eu sou sete. Sete grãos de areia. Sete Narcisos descabelados. Sete últimos desejos de um grito... Um único e urgente grito. Eu... Eu sou... Eu sou oito. Eu sou mil... Bem mais que mil!

OUTRA - Senhora... Não é momento para mais ensaios. Está me ouvindo?

ATRIZ – Você já ouviu falar na poderosa Salomé? (*continua*) “Sim, beijarei a tua boca. Mas porque não me olhas? Teus olhos que eram terríveis, tão cheios de ódio e escárnio, estão fechados agora. Por que estão fechados? Abre-os. Ergue as pálpebras. Pronunciastes ignóbeis palavras contra mim, Trataste-me como uma meretriz, uma dissoluta. (...) Ah, porque não olhaste para mim? Amar-me-ias se olhasses para mim. Bem sei que me terias amado. O mistério do amor é maior que o mistério da morte”.¹¹

OUTRA - (*impaciente*) Eles continuam a bater. Não desistem... Os meus ouvidos estão alvoroçados, os seus não? Por favor, diga-me logo onde escondeu a chave. Eu preciso sair. Tenho que terminar a minha função – arrumar, lustrar, varrer, lavar, passar - e a senhora deve iniciar a sua. É justo! Não há mais tempo para dispersões. O espetáculo precisa acontecer!

ATRIZ – Ficarei aqui com as *Três Irmãs*... Esperaremos juntas... Ouvirei a Irina... (*continua*) “Um dia virá em que todos saberão o porquê de tudo isso... Por que esses

¹¹ Salomé. *Salomé*, Oscar Wilde.

sofrimentos... Não haverá mais mistérios... Enquanto esperamos é preciso viver... É preciso trabalhar. Somente trabalhar. Amanhã partirei sozinha... Ensinarei na escola e darei toda a minha vida àqueles que talvez precisem de mim. É outono... O inverno virá logo, a neve cobrirá tudo, e eu trabalharei, trabalharei..."¹²

OUTRA - Mas o seu trabalho é aqui e terá que honrá-lo neste instante... Eu também cumpro as minhas obrigações de rotina: arrumar, lustrar, varrer, lavar, passar. Eu já disse isso? Só sei que eu preciso deste emprego. E não há muito tempo favorável para pessoas como eu.

ATRIZ – Creio que você precisa conhecer a Claire, ela soube driblar o seu destino... Uma *Velha Senhora* forte e vingativa... “Trocamos beijos sentados nesta pedra. Há mais de quarenta e cinco anos. E nos amamos atrás destes arbustos, debaixo dessa faia, por entre os cogumelos venenosos, no musgo. Eu tinha dezessete anos e você não chegava aos vinte. Depois você se casou com Matilde Blumhard e seu armazém e eu com o velho Zahanassian e seus milhões da Armênia. Ele me encontrou num hotel de Hamburgo. Ficou todo embeijado pelo meu cabelo ruivo, a minha boa e velha joaninha de ouro!”¹³

OUTRA – Agora chega de picardias ou desfaçatez. O público espera ansioso pela sua ATRIZ. Relembre o seu texto. A senhora não pode fugir do que ensaiou.

ATRIZ - Mas, eu não passo de uma mentira. A verdade necessária é que eu preciso ser a OUTRA! Estão escassas as ilusões neste mundo real. E eu preciso de você agora!

OUTRA – Não se aproxime, eu já disse! (*mostra o punhal em ameaça*)

¹² Irina. *As Três Irmãs*, Anton Tchekhov.

¹³ Claire. *A Visita da Velha Senhora*, Friedrich Durrenmatt.

ATRIZ – Não seja tola, eu quero te transformar em alguém que possa encantar plateias...
Seduzir com as palavras.

OUTRA – Não me venha com mais galhofas.

ATRIZ – Apenas peço que me entregue apenas essa sua vida comum.

OUTRA – Não dá tempo.

ATRIZ – Vamos. Venha comigo!

A ATRIZ avança contra a OUTRA e se fere com o punhal. Música de tensão.

OUTRA - (*grita*) Não... Oh céus...

ATRIZ – (*balbucia*) A lâmina...

A OUTRA observa a ATRIZ, assustada.

OUTRA - Que horror! O que foi que eu fiz?

ATRIZ – A lâmina continua mesmo afiada.

OUTRA - Perdão, senhora...

ATRIZ – Você é boa nisso, menina.

OUTRA – Eu não queria... Desculpe, madame... O meu desejo foi traiçoeiro e... Eu só queria passar despercebida em minha função... E agora me aparece todo esse sangue.

ATRIZ – Não tenha medo das fatalidades.

OUTRA – Onde é que eu vou parar com todos esses impulsos inesperados?

ATRIZ - Você foi perfeita em seu papel... Fria e calculista como a Lady Macbeth... (*cambaleia*) “Ainda sinto o cheiro de sangue. Todos os perfumes do Oriente não bastariam para tirar da minha pequena mão o cheiro do sangue. (...) Lava as mãos. Veste-te. Que volte a cor à tua face. Banquo está bem morto e não voltará do seu sepulcro... Para a cama, para a cama... Batem à porta... Vem, dá-me a tua mão... Quem pode desfazer o que está feito?”¹⁴

Ouve-se o som microfonado das batidas de um coração.

A luz estremece.

ATRIZ – (*trôpega*) Eu preciso morrer para que você possa assumir a minha função. Dar aquele grito. Lembra?

OUTRA – Mas, eu não posso... Não é justo. A senhora não está bem. Preciso chamar por socorro. Sempre da tudo certo ao final do espetáculo, não é mesmo?

ATRIZ – Já está tudo escrito agora. Tinha que ser assim. Você será a dona do palco. Aquela que coleciona aplausos.

¹⁴ Lady Macbeth. *Macbeth*, William Shakespeare.

OUTRA – Mas, eu sou comum. Eu sou uma mulher comum.

ATRIZ - O dia vai amanhecer ensolarado. Ninguém mais se lembrará desta noite. Os aplausos cessarão. Onde estará Ofélia com as suas folhagens? “Aqui trago romã, que é boa para a memória... Tomai amigo, para que vos lembreis... E aqui tendes estas ervas, que são para os pensamentos. (...) Tomai estas ervas para vós, e ainda estas... E arruda também... E este pouquinho é para mim... Nós poderemos chamar-lhe erva-santa-do-domingo... Usá-la-eis com a distinção que vos parecer... Esta é uma margarida... Bem vos quisera dar algumas violetas, mas todas murcharam quando morreu meu pai. Dizem que teve um bom fim”.¹⁵

ATRIZ cai ao chão. Baixa a luz.

OUTRA – (*narra para a plateia*) A OUTRA olha ao seu redor. Os poros transpiram em sua testa. Tenta chorar, mas sabe que precisa tomar uma decisão que transcenda todo aquele inusitado cenário. Por que cargas d’água aceitou esse serviço? A sua intuição fraquejou ou seria esta a prova que faltava em sua cartilha? Ela não acata os pensamentos tiranos que bombardeiam a sua cabeça de criada e segue nervosa e titubeante. Antes tenta esconder as lágrimas e acalmar as mãos. Não poderia voltar atrás do que havia prometido a si mesma. Veste os engomados trajes da cena com poucos botões e corte ideal. Prepara a maquiagem com destaque para os olhos que devem ser grandes e atentos. O contorno dos lábios também não deve ser discreto, pois ilumina a sua fome. Ajeita afoita a peruca no espelho. Está mesmo bonita. Esquece que é fraca para bebidas e toma um gole da taça de vinho. E mais outro. Abre, com cuidado, a porta do camarim e segue em direção à coxia escura. Ela treme. Treme muito. Avança cuidadosa ao palco. O salto do sapato não dá trégua. Sabe que não deve fazer barulho. Um turbilhão de países avança em sua fronteira. Mas ela é a dona da sua geografia.

¹⁵ Ofélia. *Hamlet*, William Shakespeare.

Adentra o tablado, com um frio na costela, e os refletores voam em sua silhueta. Quase perde a visão. O seu estomago embrulha. As pernas amolecem. Caminha pelo estranho espaço de forma amadora, quase tímida, tateando nas palavras e gestos. Como se faz o caminho de volta? Desculpe, eu não deveria estar aqui, mas é que tudo isso surgiu de repente e... Por fim, surge o inexplicável. Feitiço de Baco. Brincadeira de Dionísio. Bacante certa. Com uma força imponente que não tem tamanho ela abre os braços e balbucia o que inflama a sua garganta. Algo se uniu a outra coisa. Duas vertentes de mulheres é agora a única via. E entre silêncio surgiu então aquele grito. O grito. Insolente e vibratório que ecoou por toda a plateia e atravessou a cidade. O fogo e a ventania se fizeram parceiros. Aquela presença em cena hipnotizou todas as poltronas daquele teatro. Estava feito. Não havia como mudar. Naquela noite insana nascia uma nova ATRIZ.

*Cai a luz.*¹⁶

¹⁶ Neste momento final poderão ser projetadas - conforme a proposta da encenação - as fotos de várias atrizes já falecidas. Como, por exemplo: Cacilda Becker, Lala Schnaider, Tônia Carrero, Eva Todor, Marília Pêra, Sonia Oiticica, Dercy Gonçalves, Dulcina de Moraes, Cleyde Yáconis, Lílian Lemertz, Norma Bengell, Lélia Abramo, Dina Sfat, Iara Amaral, Myriam Muniz, Nilda Spencer, Maria Della Costa, Tereza Rachel, Henriette Morineau, entre outras.